

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?: REVOLUÇÃO
13 e 28 de novembro de 2024

LENIN V 1918 GODU/ 1939

«*Lenine em 1918*»

um filme de Mikhail Romm

Realização: Mikhail Romm/ **Argumento:** Aleksei Kapler, Taisiya Zlatogorova/
Fotografia: Boris Volchek/ **Montagem:** E. Abdirkinoi/ **Direção Artística:** Boris
Dubrovsky-Eshke, V. Ivanov/ **Música:** Nikolai Kryulov/ **Intérpretes:** Boris Shchukin
(Vladimir Lenine), Nikolai Okhlopkov (Vassili, protegido de Lenine), Aleksandr
Shatov (Konstantinov, chefe dos conspiradores), V. Markov (Dzerjinsky), Vasili Vanin
(Mateyev), Nikolai Tcherkassov (Gorki), Leonid Lyubashevsky (Sverdlov), Vladimir
Solovyov (Sintsov, um espião), Nikolai Svobodin (Rutkovsky, um conspirador), V.
Tretyakov (Novikov, um conspirador), N. Efron (Fanni Kaplan), E. Muzil (Yevdokia
Ivanova, hospedeira de Lenine), Mikheil Gelovani (Staline), Nikolai Bogolyubov
(Voroshilov), Z. Dobina (Krupskaia).

Produção: Mosfilm/ **Cópia:** 16mm, preto e branco, versão original legendada em
português/ **Duração:** 110 minutos/ **Inédito comercialmente em Portugal.**

Lenine em 1918 é um dos mais significativos filmes do cinema soviético deste período que antecede a segunda guerra mundial. É-o, principalmente, no que reflecte desse tempo, mais do que pelos acontecimentos que narra e reconstitui. Realizado por Mikhail Romm, **Lenine em 1918** devia incluir uma trilogia cuja primeira parte, **Lenine em Outubro** fora dirigida por Romm dois anos antes (a terceira nunca chegou a ser feita). Esta tratava, como o título indica da tomada de poder pelos soviéticos em 1917, no processo revolucionário conduzido por Lenine. A segunda parte descreve a luta pela consolidação desse poder, face à intervenção estrangeira e à guerra civil contra os que procuravam restabelecer o poder derrubado e facções que dividiam o próprio movimento revolucionário. Mas em vez de fazer o que poderia ser uma espécie de «coral» épico, Romm opta, como no primeiro filme, por um olhar intimista, centrado sobre a personagem do líder da revolução e agora, mais concretamente, sobre o atentado perpetrado por Fanni Kaplan, a mando dos russos «brancos», de que foi alvo em 1918, e que quase lhe ia custando a vida.

Lenine em 1918 tem uma construção bastante austera, segundo os cânones do «realismo socialista» durante que toda a sua duração. Só em determinados momentos o filme assume uma feição épica. Esta forma «simples» de narrativa, que é também a forma mais simples de fazer «propaganda» de uma ideia (no mesmo ano, também de uma forma intimista e simples, John Ford fazia aquele que é, talvez, o maior filme de «propaganda» sobre a democracia americana, **Young Mr. Lincoln/A Grande Esperança**, e a evocação talvez não esteja fora de lugar pois foi Mikhail Romm que

realizou, em 1937, Trinadcat/«Os Treze», um filme de aventuras que é um plágio directo de **The Lost Patrol/A Patrulha Perdida**). Romm começa o seu filme (após a exposição do mapa que dá conta da situação da jovem República socialista ameaçada por todos os lados) de forma bastante hábil, com um plano de uma extrema simplicidade e economia de meios, de uma austeridade que acompanha quase todo o filme: uma sala, pobremente mobilada onde uma velha mulher cose, onde pouco depois entra um soldado mensageiro. A mulher, saberemos depois, é a hospedeira de Lenine, e o soldado, o seu protegido. Deste modo, Romm faz-nos passar das figuras da gente do povo para o seu líder, transitando da sala austera para outra de características semelhantes, só que, agora, em Moscovo, no centro do poder. O edifício onde este se encontra está também despojado de acessórios e ornamentos, assim como a sala de Lenine onde entramos a seguir. Esta sucessão de cenas permite que Romm nos apresente um Lenine mais humanizado do que a da imagem que dele transmitia Eisentein em Outubro. Essa humanização, essa aproximação do político ao povo, é reforçada nessa primeira aparição, com a presença, a seu lado, de Máximo Gorki (interpretado por Nikolai Tcherkassov que no ano anterior fora o **Alexandre Newsky** de Eisentein. Romm, aliás, mostra-nos um Lenine mais terra a terra noutras situações mais íntimas e não isentas de um humor respeitoso (Lenine na cama, em convalescença do atentado, retomando o livro que escondera do médico), deixando a imagem convencional do orador e dirigente de massas para um único momento, o do comício na fábrica, que antecede o atentado. Romm monta o filme alternando os debates e encontros de Lenine com Gorky, Dzerjinsky e outros, em paralelo com a actividade dos contra-revolucionários, em especial a preparação do atentado. Os conspiradores aparecem logo ao começo num plano sugestivo: na representação de «O Lago dos Cisnes», num camarote à parte e isolado, face a uma plateia repleta de soldados e revolucionários. A partir da cena do atentado, o filme ganhou um outro ritmo e instalase uma maior tensão na evolução dos acontecimentos e a faceta «realista» dá lugar, na conclusão, a uma imagem épica e alegórica. Por um lado na magnífica cena da carga da cavalaria vermelha desalojando as tropas «brancas», que vai progressivamente tomando uma forma simbólica, representando a luta de todo um povo contra a opressão, o que se torna mais evidente no plano final onde da terra saem, literalmente, milhares de pessoas avançando numa massa imensa para o ecrã (também aqui se revelam mais laços entre o cinema americano e o soviético: a cena lembra o final de **San Francisco** de W.S. Van Dyke).

Manuel Cintra Ferreira